

A

Lenda da Guerra de Franco-Atiradores NA BELGICA

segundo o pamphleto allemão

“Der Franktireurkrieg in Belgien-Gestaendnisse der Belgischen Presse”

ALGUMAS OBSERVAÇÕES DO “BUREAU DOCUMENTAIRE BELGE”

(Extracto da nota No. 118)

Esta brochura encerra um resumo
das publicações 11, 12, 13 dos “CADERNOS DOCUMENTAIRES”
(IIa Serie), editados no Havre (França)

BIBLIOTECA

Livro N.º

184
(e)



LONDON
EYRE & SPOTTISWOODE, LIMITED

1916

H. J. 18918⁵

R. 161688

A Lenda da Guerra de Franco-Atiradores

NA BELGICA

Segundo o pamphleto allemão

“Der Franktireurkrieg in Belgien—Gestaendnisse der Belgischen Presse,”

(DEUTSCHE VERLAGS-ANSTALT, STUTTGART, BERLIN.)

Extracto da nota 118 do “Bureau Documentaire Belge.”

1. A campanha allemã destinada a fazer acreditar os paizes neutros na lenda da organização duma guerra de franco-atiradores na Belgica, recrudescceu de vigor.

Esta persistencia em reproduzir obstinadamente as mesmas fabulas, a despeito de todos os desmentidos que lhe estabeleceram a inanidade, explica-se sem difficuldade. A palavra do Imperador e a do governo estão compromettidas nessas imputações. A mensagem que Guilherme II. dirigiu, a 8 de setembro, ao presidente dos Estados Unidos, bem como numerosos communicados officiaes, accusaram a população belga das mais abominaveis atrocidades. Isso são actos que ficam e que presentemente não supportam uma retractação. Alem de que, a lenda da guerra de franco-atiradores é indispensavel á Allemanha para lhe permittir o tentar uma justificação perante a opinião publica neutra, dos morticinios e das devastações commettidas na Belgica pelas suas tropas.

Pamphletos numerosos e notas officiaes destinados á “propaganda” encarregam-se de alimentar a lenda.

A tactica consiste em implantar a lenda nos espiritos, á força de repeti-la. A despeito de todos os desmentidos e refutações, mesmo allemães, os mesmos factos não cessam de ser reeditados tendo por base sempre os mesmos argumentos.

Se aqui de novo se vem responder, é unicamente para evitar que uma parte do publico neutro fique impressionado com o argumento superficial que accusações allemãs, novas só na apparencia, não tenham encontrado contradictores do lado belga.

2. A brochura recente: “Der Franktireurkrieg in Belgien—Gestaendnisse der belgischen Presse” (a guerra de franco atiradores na Belgica. Confissões da imprensa belga). Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart, Berlin (*vide* a nota precedente do

“Bureau Documentaire Belge, N° 35) pertence á literatura de baixa condição cuja missão é fortificar na opinião popular a crença dos franco-atiradores belgas; é uma brochura anonyma.

Se bem que não traga nenhuma indicação que pudesse revelar de quem emana ou quem della tome a responsabilidade, os grandes órgãos da imprensa allemã e austriaca,—entre os quaes as folhas officiosas publicaram longas analyses, favorecendo-a com uma enorme publicidade (*vide* especialmente *Norddeutsche Allgemeine Zeitung* de 27 de abril, zweite Ausgabe; *Koelnische Zeitung*, da mesma data, No. 434; *Vossische Zeitung*, mesma data, No. 212; e *Neue Freie Presse* de Vienna, de 28 de abril 1915, etc.); mais ainda a imprensa neutra foi informada pelas agencias allemãs e traducções foram espalhadas pelos diversos paizes neutros especialmente em Hespanha. É-se logicamente levado a attribuir a este escrito, apesar do seu character anonymo, uma origem ou, pelo menos, uma inspiração official.

Um ligeiro exame critico, restringido voluntariamente a algumas das imputações fundamentaes que enuncia, permittirá julgar, a titulo de exemplo e por via de analogia, do valor de conjuncto do pamphleto.

I.—A instituição da Comissão de inquerito precederia os factos?

3. O pamphleto allemão accusa logo a principio o Governo belga de ter instituido desde 8 de agosto de 1914 uma commissão de inquerito com o fim de pôr a claro os casos de violação do direito das gentes na Belgica. Neste momento, diz, ainda se não podia tratar de semelhantes violações porquanto a fronteira acabava de ser transposta pelas tropas allemãs; o Governo belga antecipou-se pois aos factos, exercendo deste modo uma verdadeira suggestão sobre a população e suscitando na realidade o despontar de todas os relatos de atrocidades—imaginárias, como diz o pamphleto—que contra as tropas allemãs foram propagados (pp. 4 e 5).

Basta folhear um pouco a brochura para, no proprio pamphleto, se encontrar a refutação deste agravo.

A paginas 13, citam-se excerptos de jornaes belgas, onde se vê estes jornaes descrevendo, já a 5 de agosto de 1914, o incendio de Visé e de Argenteau, localidades que as tropas allemãs occuparam, de facto, no primeiro dia das hostilidades (4 de agosto de 1914).

Por exemplo, no excerpto citado do *Nouveau Précurseur* (Antuerpia, No. 218) datado de 6 de agosto de 1914 (mas redigido na vespera, 5 de agosto, segundo o costume belga de postdatar os jornaes de 24 horas), lê-se :

“Hontem (quer dizer a 4 de agosto) um importante destacamento allemão apoderou-se da praça do mercado de Visé, na margem direita do Mosa . . . ; deitou fogo ás casas e atirou aos habitantes inoffensivos.”

Tambem se lê no excerpto citado do *Handelsblad* de Antuerpia (No. 185) a reproducção dum telegramma de Liège, 4 de agosto :

“*Visé e Argenteau estão em chamas.*”

E se o autor do pamphleto tivesse consultado, e fielmente analysado, os outros jornaes belgas da mesma data (6 de agosto), e do dia seguinte, lá teria achado tambem as mesmas noticias.

O pamphleto allemão estabelece pois elle proprio, pelos extractos que reproduz, que as primeiras violações do direito das gentes commettidas na Belgica pelos exercitos allemães foram, a partir de 5 de agosto, annunciadas na imprensa belga e conhecidas pelo paiz inteiro. Nos dias seguintes, outras informações chegaram a Bruxellas, que confirmando as primeiras, ainda mais augmentaram a impressão de espanto e de horror.

Por conseguinte, o Governo belga instituindo a 8 de agosto, seja *três dias depois* das primeiras noticias de atrocidades, uma Commissão de inquerito ácerca das violações do direito das gentes, não fez senão proceder sob a pressão imperiosa dos factos. Uma tal iniciativa, longe de favorecer a formação de lendas, era pelo contrario, a melhor das medidas a ser tomada para defender os direitos da verdade historica contra os excessos da imaginação popular.

II.—Organizou o Governo belga a guerra de franco-atiradores?

4. Mais ainda o pamphleto allemão accusa o Governo belga de ter nos primeiros dias das hostilidades, excitado a população á guerra de franco-atiradores, de a ter mesmo organizado. A prova disto vae buscá-la ao edito real de 5 de agosto chamando á actividade a parte não activa da guarda civica e que teria coincido com a proposta duma chamada geral ás armas da nação, feita por um ou dois jornaes belgas da mesma data (pp. 17-18).

“Nenhuma duvida pode subsistir,” conclue o pamphleto, “de que se tratava dum plano bem preparado. Está-se pois no direito de affirmar duma maneira certa, que o Governo belga tinha levado a imprensa, a 5 de Agosto, a excitar a população a guerra de franco-atiradores. Todavia,” continua o pamphleto, “a situação modificou-se rapidamente. Sob a pressão dos acontecimentos militares, o Governo belga viu-se obrigado a negar o assentimento á guerra de franco-atiradores.

“A 8 de Agosto, a imprensa publicou uma proclamação do ministro belga Buryer (Berryer) que condemnava os actos de franco-atiradores, com a ameaça de penalidades severas. Sem duvida que o Governo belga se apercebeu que a guerra de franco-atiradores lhe acarretaria mais semsaborias que

“ vantagens; talvez que esta mudança de attitude publica
 “ constituisse uma phase dum plano bem preparado de antemão.
 “ Seja como fôr, a esta advertencia energica e cathegorica
 “ seguiu-se uma serie de proclamações das quaes o menos que
 “ se possa dizer é que deviam prestar-se a um duplo sentido.
 “ Confiava-se em que estas proclamações seriam comprehendidas
 “ em sentido contrario (*missverstanden*), por uma população
 “ que conta mais de 13 % de illetrados.”

5. Necessario era pois reproduzir o proprio texto do pamphleto allemão para pôr em destaque o caracter phantastico da argumentação. Estabelece, como se vê, uma connexão entre a chamada ás armas da guarda civica não activa e a pretendida organização da guerra de franco-atiradores; para este fim, faz apparecer a guarda civica como sendo uma milicia irregular que estivesse fora das leis e costumes da guerra.

Será preciso pôr mais uma vez em relevo a falsidade duma tal concepção?

Por um lado, a chamada (que afinal se não fez) de toda a nação ás armas contra o invasor nada tivera de reprehensivel em si, pois que este modo de fazer guerra é autorizado pelo direito internacional debaixo de certas condições. Por outro lado, a chamada á actividade da guarda civica belga não activa, era tambem perfeitamente legal.

6. A criação da guarda civica remonta ás deliberações do Congresso nacional de 1830; pertence assim á essencia das instituições belgas, pois que se acha inscrita na propria constituição belga e que não podia ser abrogada sem uma revisão desta.

A missão que lhe incumbe em tempo de guerra está fixada pela lei e é comparavel á do Landsturm allemão e á da reserva da territorial francêsa; comporta: 1º um serviço de *policia* (manutenção da ordem publica); 2º um serviço de *natureza militar*; serviço de guarnição nas praças fortes, serviços de rectaguarda e protecção das communicações do exercito em campanha.

Em tempo de paz, a guarda civica é *activa* por toda a parte: exceptuam-se as localidades cuja população agglomerada é inferior a 10,000 habitantes e que não são praças fortes. No emtanto, mesmo nestas communas, um edito real pode *chamar á actividade* a guarda civica não activa, se o interesse da ordem publica ou da defeza nacional o exigir. A guarda civica *activa* é instruida militarmente e possui uniformes militares completos.

7. Tal era certamente o caso no momento em que se abriram as hostilidades. As guardas civicas *não activas* foram pois *chamadas á actividade* pelo edito real de 5 de Agosto.

As circulares de 5 e 8 de Agosto e um edito real de 8 do mesmo mês tiveram o cuidado de prescrever o *uniforme* que

deviam usar ; uniforme simples e pratico, mas bem distincto, aproximando-se muito do glorioso uniforme historico do corpo de voluntarios de 1830 e da Revolução brabantina : veste azul com emblema e braçadeira tricolor. Os mesmos documentos prescreviam-lhes de *usar abertamente as armas* e de se conformarem em tudo, sob as *ordens dos commandantes responsaveis*, com as leis e costumes da guerra.

A medida de Governo belga estava pois, no sentido o mais rigoroso, conforme com o espirito e theor das prescrições da conferencia de Haya. O Governo belga, o que é mais, logo a 8 de agosto communicou ao governo allemão esta decisão, pelo intermedio diplomatico do Ministro de Hespanha em Bruxellas. (*Vide a respeito da questão da guarda civica, E. Waxweiler, "La Belgique neutre et loyale."* Lausanna e Paris, Payot, editor, pp. 209 a 212.)

Por uma medida de precaução extrema a autoridade militar confinou comtudo a guarda civica *não activa* chamada á actividade, no seu papel de policia e ainda em regiões não ameaçadas pelo inimigo. Deste modo as tropas allemãs não encontraram em nenhum ponto do territorio belga, membros das guardas civis *não activas* chamadas á actividade. (*Vide pag. 3 do Livro Branco allemão de 1º de maio de 1915 sobre a pretendida guerra de franco-atiradores na Belgica.*)

III.—Teria o Governo belga excitado a população civil a tomar parte nas hostilidades ?

8. A tactica do Governo belga, affirma o pamphleto, modificou-se provavelmente nos primeiros dias das hostilidades : sob a pressão dos acontecimentos militares, viu-se obrigado a não appoiar, numa proclamação do ministro Berryer, publicada a 8 de Agosto, a guerra de franco-atiradores que a principio suscitara e organizara.

Isto é um puro erro de facto : o Governo belga nunca variou de programma a respeito da linha de conducta a mandar observar á população civil no estado de guerra.

Desde o primeiro momento, a 4 de agosto, *isto é no dia mesmo em que as tropas allemãs penetraram em territorio belga*, o Governo lançava, por telegramma de Estado, ás autoridades administrativas das 2,600 communas do paiz, uma circular lembrando-lhes,—(na medida do que preciso fosse)—os deveres e os direitos da população civil em tempo de guerra. Em especial a circular dizia que :—

“Os actos hostis nunca são permittidos a quem não faz parte do exercito, nem da guarda civica, nem dos corpos de voluntarios observando as leis militares obedecendo a um chefe e trazendo um signal distinctivo em evidencia.”

Esta circular redigida em termos precisos e simples, e sem nenhuma ambiguidade, contrariamente á accusação falsa do

pamphleto, reproduzia as disposições essenciaes da Convenção de Haya.

9. A organização administrativa belga é concebida de maneira tal que as instrucções governamentais, transmittidas telegraphicamente por toda a extensão do paiz, chegam instantanea e simultaneamente a todas as administrações communaes.

Tal foi o caso da circular de 4 de Agosto de 1914. E como o exercito allemão, a este momento, transpunha a fronteira, e que, por consequencia, quasi a totalidade do solo nacional estava ainda livre, a machina administrativa pôde funcionar regularmente.

Em execução desta circular, as autoridades locaes mandaram affixar, em numerosos sitios, avisos recommendando á população civil a abstenção de todo e qualquer acto hostil.

10. Para mais, a 6 de agosto, o ministro do Interior, pediu aos jornaes de todos os partidos e por todo o paiz que reproduzissem quotidianamente, em grossos caracteres, um Aviso official recommendando, da maneira mais expressa, aos civis, de não combaterem e de se absterem de todo o acto hostil: o que se fez escrupulosamente. (*Vide* mais adiante o texto deste aviso.)

Finalmente, a 30 de setembro de 1914, no momento em que uma parte do paiz até então inviolada, parecia ameaçada, o ministro do Interior não deixou de lembrar ás autoridades communaes e ás populações

“que os habitantes não pertencendo ao exercito deviam abster-se cuidadosamente de qualquer acto de hostilidade contra as tropas estrangeiras.”

Alem destes, mais nenhum documento official houve a respeito dos deveres e dos direitos da população civil para com as tropas do inimigo invasor. Ora todas estes documentos são *concordes*; de nenhum delles se pode deduzir, como tenta fazê-lo o pamphleto, que o Governo belga se tenha jamais visto no caso de ter que censurar actos de hostilidade da população civil, ou que tenha tido que retractar uma instrucção anterior dada á imprensa.

11. Ainda que estes documentos sejam conhecidos, visto terem já sido reproduzidos a miudo, não é inutil reproduzi-los mais uma vez para os confrontar com a apreciação do pamphleto.

A circular de 4 de agosto de 1914, do ministro BERRYER, dizia:—

“A ameaça duma invasão estrangeira lançará o desasocego e a emoção na população. O primeiro cuidado das autoridades communaes será instruir os seus administrados acerca dos deveres de todos para com a patria, e da conducta a seguir perante o exercito invasor.

“Eis qual é o objecto da presente circular.

“Segundo as leis da guerra, os actos de hostilidade, quero dizer a resistencia e ataque pelas armas, o emprego de armas contra os soldados inimigos isolados, a intervenção directa nos combates *não são nunca permittidos áquelles que não fizerem parte do exercito, da guarda civica, dos corpos de voluntarios observando as leis militares, obedecendo a um chefe e usando um signal distinctivo em evidencia.*

“Todo aquelle que é autorizado a praticar actos de hostilidade é qualificado *belligerante*; quando fôr aprisionado ou abaixar as armas, terá direito ao tratamento dos prisioneiros de guerra.

“Se a população dum territorio que ainda não tenha sido occupado pelo inimigo pega espontaneamente em armas quando o invasor se aproxima sem ter tido tempo de se organizar militarmente, será considerada como *belligerante* se usa as armas declaradamente e se se conforma com as leis da guerra.

“O individuo isolado que não pertença a nenhuma destas *cathegorias* e que commeta um acto de hostilidade, não deve ser considerado como *belligerante*. Se fosse feito prisioneiro seria tratado com mais rigor do que um prisioneiro de guerra e poderia chegar mesmo a ser condemnado á morte.

“Com mais forte razão, os habitantes são obrigados a abster-se dos actos que são prohibidos até aos proprios soldados; estes actos são especialmente: empregar veneno ou armas envenenadas, matar ou ferir á traição individuos pertencentes ao exercito ou á nação do invasor; matar ou ferir um inimigo que tendo deposto as armas ou não tendo meios de defender-se, se rendeu á discreção.”

12. O aviso official reproduzido quotidianamente pela imprensa dizia pelo seu lado.

Aos Civis:

“O ministro do Interior recommenda aos civis, se o inimigo se apresentar na sua região:

“De não combaterem;

“De não proferirem injurias nem ameaças;

“De se conservarem em casa e de fecharem as janellas para que não se possa dizer que houve provocação;

“Se os soldados occuparem, para se defenderem, uma casa ou aldeia isoladas, de as evacuarem, a fim de que não se possa dizer que os civis atiraram;

“O acto de violencia commetido pour um só civil seria um verdadeiro crime que a lei pune com prisão e condemna, pois que poderia servir de pretexto a uma repressão sangrenta, ou á pilhagem e á chacina da população innocente, das mulheres e das crianças.”

13. Ousa-se pois perguntar a qualquer espirito recto: não são estes documentos concebidos em termos tudo o que ha de mais explicito? Poder-se ha dizer seriamente que deem logar, não a uma interpretação inversa do sentido natural das palavras, mas apenas á menor duvida, e ainda mesmo para as pessoas menos instruidas?

Para nos servirmos aqui das vigorosas palavras de que se serviu Mgr. Heylen, bispo de Namur, no seu solemne protesto de 10 de abril de 1915, contra a lenda dos franco-atiradores (*vide* nota do B.D.B. N° 101):

“É muito ingenuo, e é ter uma opinião verdadeiramente singular a respeito do povo belga, o acreditar que este tivesse visto, nestas instrucções, *justamente o contrario* do que ellas dizem.”

14. E eis o que accaba de pôr ás claras o estranho processo de discussão dos autores do pamphleto: nem uma palavra ali se encontra acerca da circular de 4 de agosto; tampouco é citada uma unica linha do Aviso official de 6 de agosto; pelo contrario, ali se allude, mas sempre sem nada citar, a uma proclamação que apparecera na imprensa a 8 de agosto, retractando o pretendido incitamento á guerra de franco-atiradores e ameaçando com penas severas aquelles que a ella se entregassem. Ora esta proclamação em substancia não é outra senão o Aviso official supra de 6 de agosto reiterando quotidianamente a circular de 4 de agosto que elles tiveram o cuidado de não patentear ao leitor.

Concluamos: em momento algum o Governo belga se afastou da linha de conducta que fixara desde a origem. Nunca cessou, desde o primeiro dia das hostilidades, de prevenir os seus concidadãos do modo mais energico e mais effectivo, contra todo e qualquer acto contrario ás prescripções do direito das gentes. Longe de se poder descobrir na sua attitude a menor mudança, num ou noutro sentido, sempre perseverou, pelo contrario, na correcção e lealdade de que tinha feito uma lei.

IV.—As pretendidas “confissões” da Imprensa belga.

15. O autor do pamphleto julga ter encontrado uma prova decisiva da organização official da guerra de franco-atiradores pelo Governo belga, num certo numero de artigos de jornaes belgas da primeira quinzena de agosto de 1914, que narravam combates homericos que a população belga tinha sustentado, em certas localidades, contra as tropas allemãs.

Isto são “confissões” (*Gestaendnisse*), diz, confissões contemporaneas, que escaparam á imprensa belga numa epoca em que o Governo ainda não tinha passado a palavra para que todos se calassem e para que tudo negassem.

As “confissões” escriptas da imprensa belga, acrescenta o pamphleto, como confirmação, quatro illustrações, tiradas de publicações estrangeiras.

O argumento, para os espiritos superficiaes, parece indiscutivel. Que valor terá para os espiritos reflectidos.

16. O termo “confissões” é uma palavra nada fraca para designar relatos e artigos da imprensa belga publicados com os riscos ordinarios da informação quotidiana e rapida.

Estas citações consistem em passagens de artigos e informações, tirados sobre tudo dos jornaes de Antuerpia do mês de agosto de 1914, taes como o *Matin*, *Nouveau Précurseur*, *Presse*, *Métropole*, *Handelsblad*, *Nieuwe Gazet*, *Gazet van Antwerpen*, etc.

Supponhamos que estes extractos sejam sempre fieis na sua qualidade de citações (mais adiante se verá o que de tal devemos pensar): ainda assim de modo algum se poderia concluir com certeza, nem que combates de franco-atiradores tenham na realidade sido travados pelas populações belgas com as tropas allemãs, nem sobre tudo que fosse o Governo belga que tivesse “organizado oficialmente” uma tal guerra. O mais que estas citações, suppondo-as fieis, poderiam provar seria o boato que então se propagou em certas regiões da Belgica, que civis, exasperados com as injustas violencias commettidas para comsigo e em estado de legitima defeza, tivessem vendido caro a sua vida e a das familias, ou as tivessem vingado tomando parte nas hostilidades do exercito regular.

17. A proposito lembremos que os primeiros acontecimentos da guerra feriram a imaginação do povo subita e vivamente demais, para que este não tenha originado um grande numero de boatos legendarios. Isto é um phenomeno peculiar a todos os paizes invadidos, mesmo á Allemanha. De facto, antes dos jornaes belgas, varios jornaes allemães tinham reproduzido os rumores de pretendidas atrocidades commettidas, mormente em Bruxellas e em Antuerpia quando foram expulsos os subditos allemães estabelecidos na Belgica,—rumores que foram verificados, em seguida, como absolutamente falsos. (*Veja-se* notas do “Bureau Documentaire Belge,” N^{os} 88 e 89.)

18. Mas ha mais. Quando se relê a collecção de alguns jornaes allemães do principio do mês de agosto e que se poem em confronto com algumas obras da litteratura militar allemã, fica-se convencido que as tropas allemãs tinham sido submettidas, a respeito da guerra de franco-atiradores e das atrocidades a recear da parte da população civil dos paizes inimigos, a um verdadeiro trabalho de suggestão, e que as autoridades militares allemãs tinham cuidadosamente preparado, ainda em tempo de paz, a organização systematica de “represalias” collectivas para o caso de incidentes suspeitos. Assim, as tropas allemãs entraram na Belgica, todas persuadidas de antemão que iam ser victimas de ataques de franco-atiradores “como em 1870.”

É esta obsessão preconcebida do franco-atirador que transformou aos olhos destes homens, os mais pequenos incidentes inexplicados ou imprevistos em "agressões dos civis á falsa fé."

É esta mesma obsessão que tambem fez com que se acolhesse, immediatamente e sem exame, na imprensa allemã os primeiros relatos, que vieram das tropas de invasão, duma guerrilha da população civil belga. É finalmente e sempre esta mesma obsessão que fez com que a imprensa allemã se mostrasse surda a todos os desmentidos e cega diante dos factos os mais evidentes.

19. A opinião publica na Belgica, pelo contrario mostrou-se relativamente mais senhora de si mesma. Não formou uma convicção acerca dos pretendidos actos de franco-atiradores e da culpabilidade do exercito allemão senão pouco a pouco e por meio do exame dos factos. O observador imparcial não poderia descobrir-lhe, nesta epoca, um phenomeno de suggestão collectiva inversa comparavel, em profundeza e extensão, com a obsessão universal e doentia do franco-atirador reinante no publico e nos militares allemães. Os belgas afastados do theatro das operações tinham somente a convicção natural, e de resto appoiada no conhecimento do genio pacifico dos seus concidadãos, de que os habitantes das regiões invadidas se conformariam docilmente com as recommendações elementares de prudencia do Governo: **para mais, muitos belgas da classe culta, julgando o exercito allemão, pela reputação da sua disciplina, estavam persuadidos que se comportaria na Belgica de maneira a justificá-la.**

20. Tal era no fundo o estado de espirito, na Belgica, quando, a 5 de agosto e dias seguintes, chegaram ás provincias do centro e de oeste as primeiras noticias de atrocidades commettidas pelos allemães nas regiões de Herve, de Verviers e de Visé.

O primeiro movimento foi de estupor. Depois, logo a seguir, toda a gente se esforçou de raciocinar sobre estes factos incriveis, para lhes descobrir a causa.

Seria um erro imaginar que a opinião belga, tão autonoma e tão individualista, especialmente na roda intellectual, se deixou ir immediatamente até á accusação geral de crueldades gratuitas e systematicas.

O character verdadeiramente anormal destas, o facto que, logo no momento, ellas tinham sido qualificadas de "execuções" pelos seus autores, a justificação emfim, que dellas logo deram os chefes militares allemães e a imprensa allemã, apresentando-as como "represalias" e "castigos" contribuíram para que em certos centros belgas se acreditasse no boato de origem allemã, que aqui e allí se tivessem produzido pelo menos actos individuaes de hostilidade a despeito das precauções e avisos das autoridades belgas.

21. Uma tal fluctuação sem difficuldade se comprehende: antes de se ter visto o modo de proceder das tropas allemãs, não se podia imaginar na Belgica, paiz profundamente honesto, que as aggressões allegadas officialmente do lado allemão para justificar as "represalias" fossem, como os acontecimentos pouco depois o mostraram, puros pretextos ou incidentes futeis e desnaturados. Nenhuma pessoa instruida teria podido ou querido, *a priori*, encarar como possivel que o exercito organizado dum Estado civilizado fosse capaz de applicar a sangue frio, em paiz invadido, um *systema* longamente premeditado, para aterrar dum modo geral a população civil.

Não foi pois senão pouco a pouco, á medida que a descoberta progressiva dos factos reaes, da audição das deposições das testemunhas oculares e das victimas que escaparam ao morticínio, assim como da recepção dos relatorios das autoridades locais, e sobretudo da leitura das proclamações allemãs officiaes, que todos se curvaram á evidencia.

22. Teve-se então a certeza que realmente a população belga em nenhuma parte tinha praticado actos de hostilidade antes das pretendidas "represalias" dos invasores, e que mesmo se abstinera de fazer uso—como certos jornalistas (citados pelo pamphleto) debaixo do primeiro impulso de indignação lhe aconselharam—de fazer uso, diziamos, dum direito imprescriptivel de legitima defeza contra os autores de tão barbaros tratos! . . . *

Entretanto, a imprensa hollandêsa e a belga tinham fielmente registado todos os boatos contradictorios que corriam e os diversos estados successivos de opinião publica belga.

E é assim que os autores do pamphleto anonymo não tiveram trabalho para encontrar em 1915, na collecção de certos jornaes belgas, dos principios do mês de agosto de 1914, especialmente nos que, pela proximidade a que estavam da fronteira hollandêsa, † estavam mais expostos a soffrer a influencia dos rumores de origen allemã, essa serie de noticias duvidosas sobre a pretendida participação de civis nas hostilidades, que o pamphleto brande presentemente como sendo *confissões!*

Está-se vendo quão fraco é o argumento.

* Sem duvida que theoreticamente é possivel que se tenham produzido alguns actos isolados de resistencia. No emtanto, de facto, depois do inquerito extremamente minucioso da commissão belga de inquerito não se chegou a descobrir, nem sobretudo a estabelecer, nenhum caso desta especie.

† Lembremos a este proposito que foi originariamente num jornal de Amsterdam que appareceu o relato do combate que se pretendeu ter sido travado entre mulheres, com azeite a ferver nas ruas de Herstal, e os allemãs. Esta noticia sensacional foi tal qual reproduzida por determinados jornaes belgas. Ora isto era *pura* imaginação; o caso está agora positivamente averiguado (vide mais adiante). Todavia o pamphleto allemão reprodu-lo de novo como "confissão da imprensa belga" de actos hostis da população belga.

23. As mesmas considerações psychologicas e os factos explicam que a imprensa belga, a partir dum certo momento, não tenha mais publicado semelhantes relatos.

O autor do pamphleto diz que tal se produziu depois duma ordem dada pelo Governo belga. De modo algum.

A imprensa belga não está "militarizada" como a allemã.

Se, a partir duma certa epoca, o pamphleto deixa de encontrar pretendidas "confissões" a notar, é muito simplesmente porque ella tinha sido, entretanto, esclarecida directamente pelos factos, por algumas investigações pessoaes, pelas descrições das victimas e mesmo pelas declarações e contradicções dos proprios allemães.

A partir deste momento, deixou de aceitar, *sem critica* séria as accusações, de resto cada vez mais inverosimeis e odiosas da imprensa allemã, como as narrações sensacionaes da imprensa estrangeira.

Os acontecimentos provaram quanto esta reserva era judiciosa.

V.—Character lendario dos primeiros episodios de guerra descriptos pela imprensa em agosto de 1914.

24. Quando depois de dez mêses se volta a ler, o conjuncto das descrições dos primeiros episodios de guerra publicados em agosto de 1914 pela imprensa de todos os paizes, fica-se espantado, com muito delles, pelo seu character lendario; que ao principio nos escapava quando os leramos pela primeira vez.

Muito longe de exercer o exame necessario e de operar, em conformidade com as exigencias da critica historica, a selecção dos factos annunciados pela imprensa belga no comêço de agosto, na febre dos primeiros dias de guerra, o autor do pamphleto allemão parece, pelo contrario, escolher nelles propositadamente, para os seu argumentos "irrefutaveis," os relatos mais visivelmente phantasticos, os episodios mais romanescos e mais extraordinarios. Alguns exemplos vão mostrar o que basta ao autor do pamphleto para fundar aquillo que chama uma certeza.

25. O episodio mais typico é por certo o do famoso "combate de franco-atiradores de Herstal."

Publicado em primeiro logar por um jornal hollandês de Amsterdam no *Telegraaf*, de 7 de agosto de 1914, como "Informações telephonadas por um Correspondente ocasional" (*ver-se ha* mais a diante de quem se trata) este relato foi reproduzido por varios orgãos na Belgica e no estrangeiro. O pamphleto reproduz a versão dada tardiamente pelo *Burgerwelzijn* (nº 95), pequeno jornal de Bruges, e por um jornal francês de Reims, *L'Avenir* (nºs 85-88):—

"Dois mil soldados allemães, chegados á altura da Fabrica de armas de Herstal, foram acolhidos por uma

chuva de balas. ‘Todas as casas, mesmo as mais pequenas, tinham sido transformadas em verdadeiras fortalezas.’ Tinham-se levantado barricadas em todas as ruas. As mulheres e as crianças abasteciam de munições os combatentes. Os allemães repellidos a principio voltaram á carga; então as mulheres deitaram azeite e agua a ferver para cima dos soldados que rolavam pelo chão, uivando de dôr.”

Isto era na realidade demasiadamente sensacional para ser verdadeiro. Não o é porem bastante, ao que parece, para ser reproduzido em bom sitio num pamphleto allemão.

26. A final, o que é certo é que NADA do que se contou teve logar em Herstal. Ha já muito tempo que se estabeleceu, duma maneira quase certa, que nenhum combate se travou, e que nenhum acto de franco atirador ahí fora commettido.

A melhor prova está em que esta localidade se encontra absolutamente intacta e que nunca foi objecto de represalias de nenhum genero da parte das tropas allemãs.

O volumoso, Livro Branco allemão, acerca da pretendida guerra de franco atiradores na Belgica não diz, de resto, *nem uma unica palavra* a respeito dum combate de franco-atiradores em Herstal e, em nenhuma das 300 paginas que tem, se menciona mesmo o nome desta importante localidade. Mas, o que é mais, conhece-se hoje o autor da lenda e a maneira como se formou.

O autor é, não um jornalista, mas sim um cançonetista hollandês, chamado *Joao Luiz Pisseisse*. Tinha vindo para a Belgica com o fito de recolher, por entre os refugiados, algumas noticias que o fizessem obter a nomeação como “correspondente” de certos jornaes. Houve por bem enviar a alguns periodicos hollandêses notas feitas á pressa redigidas ao acaso do tempo e do logar, sem nenhum exame critico. Obter-se ha uma ideia comprovativa do valor destas pretendidas “informações” quando se souber que o seu autor com ellas fez immediatamente, quase sem nada mudar, os capitulos dum romance popular escripto á maneira dos romances populares allemães de guerra, que antes desta pullulavam na allemanha e dos quaes um grande numero tinham como assumpto episodios de franco atiradores. O romance do cançonetista veio á luz com o titulo “os Franco-atiradores de Warsage.” Um dos capitulos é constituido pela correspondencia do *Telegraaf* relatando o imaginario combate de franco-atiradores de Herstal. Tal é a origem absolutamente romanesca da lenda de Herstal tão inconsideradamente explorada pelo pamphleto allemão.

27. Outra narrativa, tirada igualmente dum pequeno jornal belga, é relativa a factos que se pretende terem-se passado em Berneau. Ora o *Vorwaerts*, grande jornal socialista allemão,

Nº de 2 de maio de 1915 (I. Beilage), publicado debaixo da vigilante fiscalização da censura allemã, consagra a esta historia o artigo que se segue, e cuja traducção textual bastará para esclarecer o leitor sobre o credito que merece o pamphleto :

“HISTORIA DE FRANCO-ATIRADORES.

“Ha alguns dias, acaba de ser publicada uma brochura, editada pela *Deutsche Verlags - Anstalt* (Stuttgart—Berlim); tem como titulo: *Der Franktireurkrieg in Belgien—Gestaendnisse der Belgischen Presse* (A guerra de franco-atiradores na Belgica—Declarações da imprensa belga.)”

Para se-poder apreciar justamente as informações da imprensa belga, não é sem interesse a reproducção do artigo seguinte da *Germania* (o órgão catholico principal berlinense.—*Nota do traductor*):—

O livro encerra especialmente a citação seguinte, tirada do jornal, *Le Nouveau Précurseur* (Antuerpia, No. 223) e relativa ao “banho de sangue” de Berneau :—

“O parcho da aldeia dá tiros de cima da torre da igreja com uma espingarda de caça. Cercam-no, trazem-no para baixo e fusilam-no.”

A citação do *Nouveau Précurseur* é sem duvida fielmente reproduzida na brochura, e, sob este ponto de vista, esta pode considerá-la como uma confissão; simplesmente o facto citado é FALSO.

Como o escrevemos no numero da *Germania* de 5 de março de 1915 com o titulo: “Novamente puros rumores,” o MINISTERIO DA GUERRA (allemão) fez ao *Pax-Informationen*, a 13 de fevereiro, a communicação seguinte :

“Os inqueritos ordenados deram o seguinte: O parcho da communa de Berneau não foi fusilado, desempenha ainda hoje o seu ministerio.

“Por ordem

“(A) BAUER, WAGNER.”

Pareceria indicado, depois disto, que a citação reproduzida na brochura em questão, desaparecesse ou, pelo menos, que uma nota em baixo da pagina, fizesse notar que o facto affirmado pela citação se acha desmentido pelos inqueritos officiaes da autoridade allemã :—

Assim se exprime a *Germania* :—

“A rectificação dá a prova de que não se deve fazer uso senão com prudencia dos factos narrados pela propria imprensa belga.”

28. Estes desmentidos e estes factos fallam claro bastante para que escusemos de ir mais longe.*

As pretendidas "confissões da *imprensa belga*" não existem pois. Esta foi simplesmente victima, como muitos belgas de boa fé, nos principios da guerra, de boatos legendarios a miudo de origem allemã ou estrangeira, accusando a população civil belga de ter tomado parte nas hostilidades.

VI.—O Falseamento habilidoso das citações de jornaes belgas.

29. Mas independentemente destas considerações geraes, poder-se ha mesmo ter confiança na simples fidelidade material das citações da *imprensa belga*, feitas pelo pamphleto allemão?

Um exemplo caracteristico autoriza todas as duvidas sobre o assumpto.

30. Note-se desde já que a investigação nesta materia é, por assim dizer, impossivel actualmente para os criticos belgas trabalhando no estrangeiro e privados quase por completo de todas as relações com a Belgica.

A maior parte dos redactores dos jornaes citados ficaram na Belgica onde não gosam da faculdade de escrever livremente; a *imprensa belga* independente cessou de aparecer; um desmentido que um dos jornalistas interessados enviasse ás autoridades allemãs seria severamente reprimido ou ficaria ignorado, assim como o provou a experiencia em muitas outras occasiões semelhantes.

Por outro lado, as colleccções dos jornaes citados quase não existem fora da Belgica. Forçoso é pois ter paciencia até á libertação do territorio belga.

31. Por acaso, no emtanto, um jornalista belga residente na Hollanda, Gustavo *Jaspaers*, pôde obter, neste paiz, o numero do *Nouveau Précurseur* de Antuerpia de 11 de agosto de 1914 (Nº 223) encerrando um artigo assignado Pierre *Corri*, do qual o pamphleto allemão (pp. 9-10) reproduziu certas passagens. "Pierre *Corri*" é precisamente o pseudonymo de *Jaspaers*; assim tornou-se a verificação inopinadamente possivel. Qual foi o resultado?

O proprio Snr. *Jaspaers* (Pierre *Corri*) o mostrou num artigo do *Echo Belge*, publicado em Amsterdam, de 9 de maio de 1915 (Nº 198).

32. O pamphleto allemão citava o artigo do *Nouveau Précurseur* da seguinte maneira:—

Um artigo de Pierre *Corri* intitulado: "A caminho para o campo francês" dá bem a impressão da *organização* sem

* Note-se que o Livro Branco allemão do 1º de maio de 1915 tambem nada diz acerca de actos de hostilidade de que Herstal tivesse sido theatro.

escrupulo, do *systema* de franco-atiradores (*der skrupellosen Organisation des Franktireurswesens*). *Corri* louva a vigilancia dos postos belgas no caminho de Antuerpia, Contich, Malines, e narra :

“ Não é um gracejo. Toda essa gente, soldados, *guardas civicos e aldeões armados* tomam a serio os seus serviços. ”

Está claro, nota a este proposito *Jaspaers* no *Echo Belge* : camponezes armados, logo franco-atiradores ; a não ser que . . . essa gente faça mui simplesmente o serviço da policia, como, sem engano possivel, o demonstra a phrase que se segue immediatamente, mas a qual os allemães . . . admittamos : se esqueceram de reproduzir :—

“ Varios automoveis com espiões foram assignalados e os que guardam as estradas estão bem decididos a não os deixarem passar. ”

Esta phrase, que dum modo preciso indica o alcance da observação do jornalista, está pois *omittida* no pamphleto, que se limita a proseguir a citação nestes termos : E mais adiante :

“ Em frente de nós está a estrada de Namur ; lá, recomeça a historia das sentinellas e das paragens. *Mas* não são soldados nem guardas civicos regulares ; a maioria estão armados de caçadeiras, muitos com revolveres, alguns tem alem disso um sabre. ’

“ Todo aquelle que ler esta passagem, ” nota *Jaspaers* (*Pierre Corri*), “ se apercebe logo que lhe falta qualquer coisa. A pergunta que surge é saber de quem se falla quando dizem ‘ A maioria estão armados ’ ? Com effeito os escribas esqueceram-se de copiar a phrase principal que diz :—

“ São camponezes voluntarios ou então homens da guarda civica inactiva. Teem no braço uma fita tricolor e usam a roseta belga no chapéu. ’

“ Toda a gente, mesmo os Allemães, sabe que, como consequencia da mobilização, todas as *communas* do Reino tiveram que appellar para os voluntarios e homens da guarda civica não activa para substituirem provisoriamente os agentes de policia e os guardas-campestres chamados ao serviço. ”

“ Para mais, varias *communas* ainda continuam, sob a dominação allemã, a recorrer aos serviços dos policias voluntarios. ”

“ Os Allemães preferiram não publicar esta parte do texto e, para mais reforçarem a mentira, acrescentaram simplesmente um *mas* ao meu original, esperando deste modo fazer sobresair melhor que havia franco-atiradores e não soldados e guardas civicos. ”

O pamphleto prosegue sem interrupção a citação nestes termos:—

“E o proprio *Corri* recebe dum official belga do Estado maior o conselho: ‘Ah! se V. quer ir mais para diante
 ‘nesta direcção, tome bem cuidado de não cair nas mãos
 ‘dos uhlanos cujas patrulhas percorrem as estradas.
 ‘Tenha sempre o revolver nas mãos! Atire-lhes para
 ‘cima se os vir, mas não pare um minuto; isso seria
 ‘morte certa’” (pag 10).

Aqui se termina a citação. Desta vez o texto é exacto; mas observa *Jaspars*, o pamphleto passa em silencio factos importantes cuja omissão falseia completamente o sentido da passagem em questão.

Em primeiro lugar, na citada passagem, o conselho emanando do official do Estado maior general é dado não a *Corri* (*Jaspars*) e ao amigo que o acompanha na excursão, mas sim á *official belga* que, neste momento tinha tomado logar no carro e que o guiava. Este pormenor estava claramente indicado por *Corri*:—

“Um official toma o mesmo caminho e guia-nos.”

Em seguida, quando, mais adiante, achando-se *Corri* já só com o amigo, um conselho analogo (não inserto no pamphleto), lhes é dado, não por um official de Estado-maior belga, nem se trata de fazer fogo contra soldados regulares, mas sim para se defenderem dos uhlanos allemães desertores que se tinham improvisado salteadores de estrada e tentavam arranjar fato á paysana atacando os viajantes; e enfim, mesmo este conselho tão natural é dado em vão porque afinal nem *Corri* nem o amigo estão armados: por duas nezes *Corri* o nota no correr do artigo e o pamphleto nada diz de tal . . .

Eis a passagem omittida, a este respeito:—

—Vão os Snrs dois sosinhos atravessar a floresta?
 Perguntam-nos.

—Naturalmente e porque não?

—É porque é bastante perigoso. A floresta é percorrida por uhlanos allemães. Ainda não ha uma meia hora que fizeram fogo contra dois automobilistas para roubar os viajantes, porque são fugitivos de Liége e não teem dinheiro. O que desejam é arranjar fato á paysana para passarem á Hollanda onde contam estar ao abrigo de perigo. Isto é o que um delles, que por nós foi agarrado ao meio-dia, nos disse. Será bom pois que levem o revolver preparado na mão e não esperarem o serem atacados . . .

—Está muito bem, mas é que não temos revolver. . . .
 Vamos embora, e o que fôr soará.

33. *Jaspars* acrescenta :—

“O mesmo numero do *Nouveau Précurseur* contém ainda outras provas da ‘organização sem escrúpulos’ dos franco-atiradores belgas. Numa descrição que este jornal reproduz da *Indépendance Belge** concernente ao morticínio de Berneau, ha com effeito :

“‘O padre da aldeia atira do cimo da torre da igreja com uma espingarda de caça. Cercam-no, obrigam-no a descer e fusilam-no.’†

“Com volupia, se agarram os Allemães a estas duas phrases, omittindo porém de citar mais duas que tudo explicam : ‘Alguns tiros são dados contra os Allemães durante a noite. *Os Allemães attribuem-nos a pessoas da aldeia e querem estabelecer um verdadeiro exemplo.*’”

34. Estes poucos factos relativos apenas a um artigo de que um acaso de sorte permittiu que o texto fosse verificado, demonstrem sufficientemente o credito que merecem essas citações em que o pamphleto allemão pretende descobrir a “confissão” da imprensa belga, relativa á organização duma guerra de franco-atiradores na Belgica.

O pamphleto anonymo ácerca da guerra de franco-atiradores vem assim ajuntar-se á já longa lista das falsificações de texto que os “propagandistas” allemães não recearam commetter para deshorrar a Belgica, victima da injusta aggressão allemã.

(Outros exemplos de falsificações de texto da responsabilidade dos propagandistas allemães foram postos em relevo nas notas precedentes do “Bureau Documentaire Belge,” Nos. 12, 31, 75, e 94.)

VII.—Como estão illustradas as accusações do pamphleto.

35. As illustrações inseridas no pamphleto para acabar de impressionar o leitor, valem nem mais nem menos do que o texto.

Uma (*Abbildung* 2) representa quatro pacificos aldeões belgas em mangas de camisa no pateo dum casal, tendo nas mãos a foice característica dos cefeiros flamengos. Visivelmente, deixaram-se de boa vontade photographar ; a attitude é a mais pacifica do mundo ; para quem conhece os costumes do camponez belga, elles vão sem duvida para os campos trabalhar, e a photographia é a dum episodio campesino *do tempo de paz*. Parece que foi extrahida duma illustração inglêsa, que a publicara com o titulo : “Aldeões belgas dispondo-se a defenderem as suas casas.”

* O pamphleto cita esta passagem como sendo pessoal ao *Nouveau Précurseur* e pretende que o seu autor é uma “testemunha ocular.”

† Mais atraz se viu que o cura não foi de modo algum fusilado e que continua desempenhando as suas funcções em Berneau.

É uma prova, isto ?

Mas que garantia ha de que, no caso de ser o titulo authenticico, o jornal tivesse tido *fundamento verdadeiro* para applicar esta menção accusadora á dita photographia? . . .

Nem mesmo parece que o autor do pamphleto tenha admitido esta pergunta elementar.

36. Outra das illustrações (Abbildung 3) é tambem extraída dum jornal illustrado inglês (*The Graphic*, 22 de agosto 1914) onde appareceu acompanhando um artigo celebrando o heroismo das mulheres belgas que, entre outras coisas, “repelliram” varias cargas de uhlanos e puseram fora de combate dois mil “allemães, por meio de agua a ferver, em Herstal. . . .”

Na realidade a scena representada é um episodio theatral de ambulancia ; mulheres em lagrimas de joelhos á roda da maca dum soldado moribundo. Não é uma photographia, mas sim uma composição de artista.

Que valor *probante* pode um tal “documento” apresentar ? O texto apenas repete, em resumo, a lenda de Herstal, cuja origem e valor se mostrou acima.

37. A terceira illustração (Abbildung 4) é a reproducção da capa dum caderno escolar que parece ter sido editado em Paris e que representa (composição de artista) sob o titulo :

“Mulheres de França durante a guerra: Jeanne Bernier.”

Uma façanha de franco-atirador da *Guerra de 1870*, talvez ella mesmo lendaria.

Isto quiere dizer que se reproduz aqui “um documento” iconographico *francês*, relativo a uma guerra *franco-allemã* de ha *quarenta e quatro annos*, como prova confirmativa da “guerra “de franco-atiradores na Belgica” em agosto de 1914, segundo as “confissões da imprensa belga !” . . .

38. Por fim, a quarta illustração (Abbildung 1), que se diz ter sido tirada dum jornal inglês (*The Sphere*, 22 de agosto 1914), representa (diz o pamphleto) “uma mulher que, rodeada “pelos filhos, atira pela abertura da porta contra os uhlanos”; algumas palavras, no jornal inglês, acompanhavam, dizem, a gravura, confirmando “a realidade da mulher franco-atiradora” (*sic*).

Ora, nesta estampa, tudo protesta contra a interpretação que é dada ao texto explicativo, tanto o fato dos personagens como a presença e attitudê das crianças e da mãe ; não seria facil dizer com certeza em que positivamente se occupa este pequeno grupo innocente, mas o que é indubitavel é que não se trata duma scena de guerra.

Pode-se lá conceber uma mulher franco-atiradora, deixando-se photographar assim, em plena acção, com os filhos agarrados ás saias, na angustia dum tiroteio com os uhlanos? Alem de

que, um exame attento mostra que, a espingarda (se todavia espingarda é, e não se tratar dum “retoque”), que a mulher tem nas mãos é do tamanho dum brinquedo de criança. Em fim, para cumulo, esta “mulher franco-atiradora” está embuscada (?) por detrás duma porta inteiramente envidraçada e aponta a arma . . . com a mão *esquerda!* . . .

Não será isto ajuntar a puerilidade á má intenção?

39. A conclusão impõe-se : o pamphleto allemão não merece a consideração devida ás obras de discussão honrada e séria, e com justiça se lhe podem empregar as palavras que o grande poeta suíço, Carl Spitteler, já tinha dirigido á Allemanha a proposito dos “documentos Barnardiston.”

“Depois da acção praticada, para se purificar, Caim achou que devia denegrir Abel. Rebuscar nas algibeiras da victima palpitante para achar documentos, parece-me uma aberração de senso moral. Estrangular a victima era mais do que sufficiente.”

(“Unser Schweizer Standpunkt.” Zurich, Rascher, 1915.)



INDICE DAS MATERIAS.

	PAGINAS
Introducção (N ^{os} 1 e 2)	1
I.—A instituição da comissão de inquerito precederia os factos? (N ^o 3)	4
II.—Organizou o Governo Belga a guerra de Franco-Atiradores (N ^{os} 4 a 7)	5
III.—Teria o Governo belga excitado a população civil a tomar parte nas hostilidades (N ^{os} 8 a 14)	7
IV.—As pretendidas “confissões” da Imprensa belga (N ^{os} 15 a 23)	10
V.—Character lendario dos primeiros episodios de guerra, descriptos pela imprensa em agosto de 1914 (N ^{os} 24 a 28)	14
VI.—O Falseamento habilidoso das citações de jornaes belgas (N ^{os} 29 a 34)	17
VII.—Como estão illustradas as accusações do pamphleto (N ^{os} 35 a 39)	20

YL 9
 18918 ⁵